

Digníssima Mesa,
Exmº Sr. Presidente da Câmara e demais Membros do Executivo,
Sras e Srs. Deputados e Presidentes de Junta,
Ilustres Convidados e restante Público presente nesta Assembleia:

Permitam-me que a minha intervenção se restrinja a um assunto particular e aproveite para falar aqui um pouco sobre mim.

Faço-o com a certeza de que falar de mim não é em nada uma história pessoal mas a soma dos muitos factos e indivíduos que construíram este uno colectivo que eu personifico. De modo que, mais do que uma data, sou o conjunto de todas as circunstâncias e de todos os nomes que possibilitaram que hoje se comemore não apenas o dia de um mês mas essencialmente a alma da democracia e o coração da liberdade.

E, se é para falar de mim que aqui cheguei, diria que o meu percurso, no fundo, começou há muitas décadas. Desde logo quando meus avós me desejaram, numa época em que a vida em Portugal era ainda um filme mudo a preto e branco.

Foi também nessa monocórdica mudez que meus pais de igual forma, mais tarde, me sonharam. De maneira que só aos poucos e às escondidas é que vim sendo gerado nesse ventre sedento e amordaçado da Mãe Pátria.

Mas, após a gravidez de risco assim oculta, lá acabei finalmente por nascer, num parto feliz por não ter corrido sangue.

Ora, na euforia dos acontecimentos então vividos, muitos me deram vivas à nascença e baptizaram-me de Abril e de Cravo e Liberdade. Desde essa altura entendi que muitas designações haveria eu de ter pelo tempo fora – umas de meu agrado, outras nem tanto!

Também logo nos primeiros dias percebi que assentava bem em mim quer um nome masculino, quer um nome feminino, porque eu era simultaneamente a força varonil dos braços que lutaram e a ternura de uma mãe trazendo ao colo a construção mais humana e mais justa do futuro.

Mas só depois, já na idade da razão, é que eu soube, na verdade, que circula em minhas veias o gene e a linhagem de tantos homens exilados, de tantos vultos que conspiraram na penumbra clandestina das esquinas e de tanta gente anônima ou heróica que nunca deixou de acreditar que a rua seria um dia o nosso palco de vitória e de alegria.

E assim chamado Abril eu fui crescendo, calcorreando as escolas em que vários professores falavam com orgulho e poesia do meu nome.

Até que veio a puberdade e o pêlo no meu rosto começou a despontar - de forma que, ao olharem para mim, surgiram sempre alguns a dizerem que Abril perdera a novidade e o encanto e não passava, afinal, de conversa já com barbas...

Por isso estou aqui para nunca me cansar de repetir que não passei!

É certo que o meu corpo foi mudando e nem todos se lembrarão ou saberão dos contornos que eu tive no passado. Mas sou ainda Abril, mesmo que o grisalho do cabelo aos 34 anos signifique em mim somente este moço maduro onde uns quantos teimam ver os sinais de uma vida velha e acabada.

Mas esses são apenas os que não compreendem que Abril não tem fim. Esses são os que não sabem que eu ando sempre por aí e sou de todos, porque é sendo de todos que me sinto menos adulterado e pervertido.

Eu sei que me confundem muitas vezes com a vida e já não me tratam por Abril: mas sou eu que estou nas manifestações e nos acordos antigamente inegociáveis e proibidos. Sou eu que estou aí nas marchas de apoio ou de protesto e na escolaridade obrigatória. Nos grupos que se juntam sem temor e podem ter opinião até de madrugada. Nos artistas que só têm como censores a consciência crítica, a bem da qualidade de si mesmos...

Embora já quase passe despercebido e me confundam com a vida, sou eu que estou aí, afinal, no voto que nos elegeu para estarmos aqui, nesta Assembleia que traduz a vontade do povo e num Portugal onde o poder autárquico deixou de ser uma multiplicação de feudos distribuída ou ditada pelo regime.

De qualquer modo, até é bom que me confundam com a vida porque é sinal de que ela se moldou em grande parte nos desejos de quantos me fizeram.

Mas a verdade é que ficarei sempre à espera de ser um Abril completo. Onde liberdade e responsabilidade alcancem a inquebrável harmonia. Onde a corrupção se torne uma palavra ultrapassada. Onde todos sejam iguais na Saúde, na Educação e na Justiça. Onde as reformas em tantos sectores tantas vezes necessárias não sejam insistentemente postas em causa por interesses particulares ou corporativos. Onde os idosos tenham sempre um carinho à cabeceira. E onde os jovens jamais percam a noção de que a rebeldia gratuita e sem limites é uma ofensa a si mesmos e aos outros e nunca uma forma de crescimento com inteligência e com audácia.

No fundo, o que quero dizer é que não estou cansado de ser Abril: esta alma errante, mas segura do seu rumo, sempre em busca de plenitude e de equilíbrio!

Um rumo que tem também em nós o seu apelo e o seu sentido. Que tem rota por aqui para que, independentemente das cores políticas só possíveis por Abril, façamos todos juntos de Amares um Concelho melhor. Um Concelho que, por muito que tenha, nunca nos deixe sem exigir mais, seja lá diante de que Governo for!

Por isso é que, sendo Abril o nome que me deram, me fez a Natureza de olhos verdes, para que nunca se cale em mim este sonho e esta esperança...

Amares, Assembleia Municipal, Sessão Solene do 25 de Abril de 2008

Jorge Tinoco - PS